

**HISTÓRIA E FICÇÃO NA BUSCA DA IDENTIDADE GENÉRICA:  
COMPARANDO *A VEINTE AÑOS, LUZ*, DE ELSA OSORIO, E  
*PARA QUE NO ME OLVIDES*, DE MARCELA SERRANO**

Márcia Hoppe Navarro

O objetivo deste trabalho é investigar como se realiza a relação entre história e ficção, comparando o romance *A veinte años, Luz* (1999), da escritora argentina Elsa Osorio e *Para que no me olvides* (1993), da chilena Marcela Serrano. Ambas autoras apresentam narrativas que tomam o referente histórico de momentos específicos no desenvolvimento de seus países, ou seja, o período das ditaduras militares que se difundiram pelos países do cone sul nos anos 70 e 80, para, a partir da ficção dar voz à mulher em busca da recuperação da memória e da identidade. A proposta assumida por estas escritoras é de re-escrever a história a partir da experiência pessoal de suas personagens Luz, em *A veinte años, Luz* e Blanca, em *Para que no me olvides*. Luz, com um nome repleto de alusões, traz a lume uma das mais terríveis atividades desenvolvidas durante a ditadura argentina: o roubo de bebês das prisioneiras políticas para doá-los a famílias de militares. Blanca, que sofre de afasia, doença que metaforiza a incomunicação que recai sobre as mulheres que transgridem os preceitos patriarcais de classe e gênero, consegue comunicar-se através das recordações. Estas, ao descortinarem a história escondida do Chile durante e após a ditadura pinochetista, reconstroem uma história que se opõe totalmente à versão oficial. Tanto Osório como Serrano, através da excepcionalidade de seus recursos ficcionais, desconstroem o discurso ideológico dominante, rompendo o silêncio milenar ao qual estavam condenadas as mulheres.

*¿Registra el sistema educativo de Argentina la hecatombe ocurrida entre 1976 y 1983?*

*¿Están presentes en sus aulas los nombres y las características del horror? ¿Dicen lo que tienen*

*que decir los manuales de historia?* Com estas perguntas começa o vídeo “Malajunta”, dirigido por Eduardo Aliverti, Pablo Milstein e Javier Rubel, constatando, a seguir, que, se as respostas são negativas, toda uma geração e talvez, também, as seguintes, terão deixado passar em branco o período mais alucinante da história daquele país. Nenhuma derrota poderia ser mais completa do que esta. E o pior, afirmam, é que a culpa recairia naqueles que sobreviveram. Se o passado não tem nada que dizer ao presente, a história pode ficar adormecida, sem incomodar, no armário onde o sistema guarda suas antiguidades e disfarces. O sistema nos esvazia a memória ou nos preenche a memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em lugar de fazê-la. As tragédias se repetem como farsas, anunciava a célebre profecia, mas entre nós é pior: as tragédias se repetem como tragédias.<sup>1</sup>

Em *A veinte años, Luz*, Elsa Osorio deflagra um diálogo de linguagens através de diferentes histórias que vão sendo entrelaçadas, interligando as vidas de um grupo de personagens muito distintos entre si e que tem em comum apenas a vontade de resgatar a verdadeira história de Luz, ou por outro grupo, mais perverso, que tenta, de todas as maneiras, impedir o desenvolvimento de qualquer investigação sobre sua origem.

Uma das principais vozes, no primeiro grupo, é de Miriam López, rainha de beleza de uma cidadezinha interiorana, prostituta de luxo em Buenos Aires e, posteriormente, mulher de Bestia, um sargento torturador de presos políticos durante a ditadura militar argentina. Miriam conheceu a Liliana, mãe de Luz, depois do nascimento da filha e pouco antes de seu assassinato pelos militares, e a ela prometera resgatar Luz/Lili da tutela dos futuros pais adotivos: Mariana,

---

Márcia Hoppe Navarro é professora no curso de Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do CNPq.

1. *Malajunta*, -documentário de Eduardo Aliverti, Pablo Milstein e Javier Rubel. Buenos Aires, 1998.

filha do todo-poderoso tenente-coronel Alfonso Dufau<sup>2</sup>, o responsável pela prisão e pelas torturas, e Eduardo Iturbe. Quando Liliana percebe que será morta, ela suplica a Miriam: “Como posso suportar que me matem e meu nenê, minha Lili, tua Lili, Miriam, porque tu também a queres bem, fique com esses assassinos que vão roubá-la de mim, que a deixarão sem identidade, sem nem sequer saber quem são seus pais?”(OSORIO, 1999, p.82).

Esse é um momento crucial na construção da consciência de Miriam. Se antes os fragmentos de sua história deixavam visível uma certa frivolidade na reconstrução de um episódio que ocorrera há 20 anos, e que contém a marca de seu linguajar popular e inculto, com uma forte dose de romantismo e temperado pelo desejo de ser mãe – algo que os inúmeros abortos haviam tornado impossível –, depois de conhecer e testemunhar a morte de Liliana, Miriam se transforma. Antes, sem sabê-lo, e mostrando o quanto estava alheia à realidade do país, Miriam seria a receptora de um bebê, roubado de uma presa política. *Si una chica estaba presa lo único que se le ocurría es que había querido matar a quién la violó. Ese era su mundo, su historia. Entonces Miriam no tenía ni idea de lo que pasaba. Muchos no lo sabían. Eduardo tampoco* (OSORIO, 1999, p.30). Sem revelar a Miriam o motivo pelo qual Liliana estava presa, Bestia lhe assegurava estar cuidando dela para que tivesse uma boa gravidez, que não deixava que a torturassem porque *esa guerra no es contra los chicos*. (OSORIO, 1999, p.23) Como se já não fosse tortura para Liliana, e tantas outras, o fato de estar presa e saber que todo o tratamento especial que recebiam durante a gravidez era para roubarem seus filhos: *Como si fuera un criadero humano, iban ahí a elegir a las madres!* (OSORIO, 1999, p.24)

---

2. El general Dufau era de los que pensaba que cuantos más liquidaran, mejor, que había que eliminar a toda esa generación apátrida para ganar la guerra, y no como los otros que querían recuperar a los montos, hacerlos sus socios. Para el entonces teniente coronel Dufau la cosa era una cuestión de números, de estadística. Él se sentía orgulloso de que sus campos de detención tuvieron los mayores porcentajes de trasladados, a él “recuperar” a los terroristas le parecía absurdo: el único subversivo bueno era el subversivo muerto. (OSORIO, 1999, p.265-6)

O sonho de Miriam, prestes a ser realizado, desmorona ao ser obrigada a enfrentar a verdade: não apenas que o bebê sonhado era roubado, mas que iria para as mãos de Dufau. Seu neto morrera ao nascer, e o subordinado Bestia não podia negar ao chefe o bebê que já havia prometido à Miriam (e até registrado em seu nome no hospital).

Ao longo da narrativa Miriam faz várias tentativas de revelar à Luz a sua origem, mas só consegue no final, quando Luz já é mãe de Juan. Neste momento, Miriam teme a reação de Luz, mas é através da canção infantil “Manuelita”, mantida no inconsciente de Luz, que Miriam lhe cantava com ternura no período que passou em sua casa com Liliana, e que agora volta a cantar para acalmar Juan, que ocorre a revelação. O texto da canção da tartaruga Manuelita que “vivía em Pehuajó, pero un día se marchó” reflete o que aconteceu na própria vida de Miriam, que foi, não a Paris, mas aos EUA. Ela foi para a América do Norte para fugir da perseguição de Bestia, que, a mando de Dufau, pretendia matá-la, da mesma forma como matara Eduardo. Nos Estados Unidos, muitos anos depois, o fato de saber-se com câncer faz renascer em Miriam a urgência de desvendar à Luz sua verdadeira origem, e, por este motivo, ela volta à Argentina.

Eduardo, genro de Dufau, é outro personagem que a princípio refugia-se em sua ignorância sobre o que sucedia nos porões da repressão argentina entre 1976 e 1983. Não é fácil falar na comoção, na hecatombe, ocorrida durante este período, pois o que se fazia era escondido, as atrocidades cometidas pelos militares ficavam, e ficariam posteriormente, impunes, e ninguém queria falar muito sobre o que estava acontecendo. O melhor era calar, refugiar-se nas aparências, negar a existência de qualquer irregularidade. Não é excessivo afirmar que a realidade dura e cruel dos tempos de ditadura argentina, se por um lado exacerbava a indignação calada, por outro, legitimava aqueles que optavam por não ver, por não querer saber de nada, para poderem sobreviver. Eduardo faz parte deste grupo de pessoas que viviam sem consciência do peso de seu

tempo. Por isso, quando o tenente-coronel Dufau, ao saber da morte do neto, força-o a aceitar um bebê substituto e a mentir para a mulher, Eduardo sucumbe. A ameaça do sogro em um momento de dor, e a mentira à Mariana, o precipitam em um túnel do qual não poderá sair. Quando tenta saber mais detalhes sobre *la chica que* –como explica o sogro- *no quiere su bebé, de esas que ni saben lo que hacen cuando engendran*:

*Alfonso hizo un gesto que le dió miedo. Un endurecimiento atroz en la comisura de sus labios, un desprecio de acero en su mirada, la mano lanzada al aire, cortando algo con precisión. Eduardo creyó ver su cabeza rodando por el suelo de la clínica. (OSORIO, 1999, p.59)*

Eduardo soube neste momento que tinha se metido em algo de onde seria muito difícil sair ileso. Por isso, mais tarde, quando Luz já tem sete anos, e ele tenta esclarecer a identidade dela a partir de um encontro com Miriam López; o sogro, como já mencionado, manda matá-lo. O ano era 1983, ano de transição ao governo civil de Raul Alfonsín, ou seja, se o roubo de Luz marca os inícios do terror, a morte de Eduardo ocorre já no momento da mudança, de transição para a democracia. Neste momento, Eduardo encontra Dolores, um amor da juventude, que volta do exílio para convencer a mãe a procurar Las Abuelas de la Plaza de Mayo, a organização que procura encontrar o paradeiro dos filhos dos “desaparecidos”. Dolores fala de Pablo, seu irmão desaparecido, militante de esquerda, que havia sido preso junto a Mirta, sua cunhada, então grávida. São elementos importantes na reconstrução de uma situação tenebrosa. *Hasta que Dolores no le habló del bebé de su hermano y su cuñada, él nunca había sospechado que Luz podía ser hija de desaparecidos (OSORIO, 1999, p.182)*. Essa possibilidade deixa Eduardo muito perturbado: *Esa mención fue capaz de levantar esos muros densos de un recuerdo que dormía entre los pliegues de tu memoria. Fue como caer de golpe en un remolino que te tiraba para*

*abajo y aunque extendieras los brazos, te hundías y te hundías más y más. ¿Y si fuera Luz ese bebé que Dolores busca?(OSORIO, 1999, p.191)*

Assim como Miriam, ou como Blanca, de *Para que no me olvides*, que examinaremos mais adiante, Eduardo não tem nenhuma ideologia. Mas, como ocorre com as duas, é um fato decisivo em suas vidas que faz com que ele, também, tenha uma espécie de iluminação que o obriga a ver a realidade de outra forma, a, de certa maneira, humanizar-se. Para ele este momento ocorre durante a festa de aniversário de sua cunhada Laura. Uma convidada, Carola Luccini, fala com pesar do desaparecimento de dois jovens, irmãos entre si e seus amigos de infância, que não tinham nada a ver com a chamada subversão, e que haviam, provavelmente, sido assassinados pelos militares. Mariana reage com fúria, acusando-os e demonstrando, pela primeira vez na narrativa, como é “una digna representante de los tiempos de la infamia”, como disse José Zepeda.<sup>3</sup> Mas a discussão, que só não chega a se transformar em briga física devido à intervenção dos maridos, termina com o pedido de desculpas de Carola:

*-Pero por qué te ponés así – le dijo Eduardo a Mariana-. ¿No te das cuenta de que está hablando de unos chicos que quería mucho, que eran amigos desde chicos?*

*-Mirá, calláte, Eduardo, vos no te das cuenta de nada. Sos demasiado bueno, demasiado ingenuo o boludo.*

*No le pudo contestar porque Carola y Alberto, con unas copas en la mano, se acercaban. Con la cara aún acalorada de tanto alborotamiento, los ojos rojos donde se agolpaba el llanto, Carola, en tono suave y contenido, le dijo a Mariana: -Disculpáme, creo que me exalté porque quería mucho a esos chicos. Por supuesto, que yo no quiero que tiren bombas,*

---

3. Entrevista com Elsa Osório - Radio Nederland Werldomroep, 23.03.2001.  
([http://www.mw.nl/informanr.elsa\\_osorio](http://www.mw.nl/informanr.elsa_osorio))

*ni nada de eso. Nosotros – y señalo a su marido – estamos totalmente en contra de los guerrilleros. (OSORIO, 1999, p.161)*

O episódio demonstra não apenas o temor generalizado de dizer algo diante de alguém como Mariana, alguém que pudesse denunciá-los aos militares, mas também a reação de Eduardo, que a partir deste momento começa a perceber sua própria cegueira. Porém, ao contrário do que sugere Mariana, não é o dar-se conta do que faziam os “subversivos”, mas sim de como sua mulher compartilhava e justificava aquela ideologia sinistra, que espalhava o terror, o medo.

Se antes o/a leitor/a poderia permitir-se uma certa complacência com Mariana - afinal ela também fora enganada, ela também é vítima, já que lhe escondem que seu filho morreu, que Luz não é sua filha -, neste episódio a personagem revela-se, verdadeiramente, como a “filha de Dufau”. Eduardo fica perplexo: *¿Porque Carola, después de decir todo eso, tuvo la necesidad de excusarse ante Mariana? (OSORIO, 1999, p. 177)*. A resposta que lhe vem à mente, tão clara: “por medo”, faz com que Eduardo pergunte a sua mulher porque ela não deixa que cada um pense e sinta o que tiver vontade. Isto acirra a fúria de Mariana, e desperta o/a leitor/a para um fato que estava latente, mas não explícito: ela é filha de Dufau e dele se orgulha: *que si así la iba a educar a Luz, diciéndole que cada cual es libre de pensar lo que quisiera, ¿Y si mañana se hace guerrillera o drogadicta? Y ahí empezó esa ensalada de drogadicto-guerrillero-homosexual que hace del lado de “los malos”, mientras que del otro lado están sólo los “buenos”, su papá, por ejemplo. (OSORIO, 1999, p.178)*.

Durante um desses momentos em que Mariana se desmancha em elogios para seu pai (“fuerte, decidido, un hombre”) Eduardo revela a falsidade de Dufau, *que a ella misma la engañó, que cuando estabas dormida, anestesiada, le consiguió una beba, no sé cómo, ni dónde*

*la robó, y se la impuso como su hija. (OSORIO, 1999, p.239)* A reação de Mariana surpreende Eduardo: o pai sempre quis evitar que sofresse e culmina com a frase que o destrói: *-Bueno, es clarita y de ojos verdes(...) papá, al fin, me consiguió una beba que bien podría ser nuestra hija. (OSORIO, 1999, p.240)*

Esta preocupação com as aparências, com o que poderão dizer, faz com que a relação entre Luz e Mariana seja apenas exterior, muito difícil e incômoda. Por qualquer motivo, por trivialidades, Mariana deixa aflorar uma fúria incontida com qualquer coisa que Luz faz ou diz. Nestes momentos, ela acusa: “deve ser genético!”. Esta frase serve de gatilho para uma série de dúvidas que se estabelecem, cada vez com mais consistência, como certezas de Luz quanto a sua origem. A busca obstinada de sua verdadeira origem é narrada na terceira parte do romance, que transcorre entre 1995 e 1998. Seus problemas com a mãe, o fato de ser neta de um torturador, o namoro com Ramiro, filho de um desaparecido, a conversa com a tia Laura que revela como Eduardo, seu pai, havia corajosamente enfrentado o avô, e o nascimento de Juan, tudo isso *formó parte, como un eslabón más, de esa cadena que yo fui armando y que me llevó a ... buscarme a mi misma. (OSORIO, 1999, p.319)*

Aos treze anos Luz fica sabendo que aquele que pensa ser seu avô, Dufau, se salvara da prisão, durante os julgamentos dos torturadores que foram de certa forma forjados quando terminou a ditadura militar, devido à uma lei capenga, a lei da “obediência debida”. Essa foi uma lei aprovada em 1987, na Argentina, e que significou que muitos torturadores e assassinos estão livres porque tudo que fizeram teria sido apenas o “cumprimento de ordens”. Ou seja, muitos receberam o indulto, mesmo depois de já terem sido julgados e condenados. A amiga de Luz *dió su versión de trece años educada en una familia que, no sé bien por qué, tenía una conciencia muy diferente de la mía. Yo me quedé con una sensación confusa con ese episodio, no*



*entendi bien lo que me dijo Natalia, pero, a partir de ese momento, cada vez que lo veía a Alfonso me sentía incómoda. (OSORIO, 1999, p.319)*

A identidade e a alteridade constituem dois lados da mesma moeda. A sensação de não pertencer a sua família faz com que Luz se aproxime ao outro, buscando saber mais sobre a história coletiva de seu país durante a ditadura militar. Ela começa a investigar sobre o mecanismo de repressão dos militares a partir do ponto de vista dos que a sofreram. O livro *Nunca Más* representa uma revelação tenebrosa: *Cierro el libro y lo escondo detrás de los otros, en la biblioteca de mi cuarto. Todavía estoy temblando después de leer el testimonio, como si esas llagas, esa carne chamuscada me dolieron en mi cuerpo, esa vida ahí dentro de su cuerpo y la muerte cada día. No pude soportarlo. !Que ahí mismo, donde la llevaron a hacerle la cesárea, el inmundito, guardia la haya violado!(...) Y el bebé quien sabe dónde, con quién, de ella nunca más se supo, la muerte. Peor que todas las vejaciones, los golpes, debe ser ir camino a la muerte después de dar la vida. (OSORIO, 1999, p.347)*

O direito à identidade conforma uma variedade de elementos no desenvolvimento de um ser humano e que implica também o direito à diferença. Mas Luz não pode deixar de se sentir culpada por ser diferente, por não pertencer, e essa sensação se manifesta em sua plenitude em 1996, durante a “Marcha en Repudio al Golpe Militar” que ocorrera exatamente há “a veinte años, Luz”. Esse dia foi muito importante na vida de Luz. Ela participa da passeata e Ramiro, - com quem ela rompera uma relação de muito amor justamente por se sentir incômoda ao pertencer ao mundo dos algozes de seu pai- também, cada um no seu lado, com seus próprios amigos, e os dois se diziam a mesma coisa: *que lo nuestro no podía ser, que era imposible (OSORIO, 1999, p.353)*. Luz sentia vergonha, pudor, por estar ali no meio daquela multidão, que tinha sofrido, ou outros do mesmo sangue tinham sofrido, nas mãos de alguém de seu próprio

sangue, seu avô: *Tengo un nudo en la garganta, creo que voy a llorar. Y otra vez avanzo, en otra dirección. Los ojos tenebrosos de este hombre que entona con rabia las estrofas, quizás aquel que logró sobrevivir pero que día a día escucha los gritos de su mujer, torturada y violada en su presencia. Que nadie se dé cuenta de quien soy, quién es mi madre, mi abuelo.* (OSORIO, 1999, p.354)

Esta luta interior de Luz para estabelecer o seu lado, o lado que gostaria de estar, o lado ao qual ela pensa não pertencer, torna-se evidente no dia da passeata, que marca muito bem este processo de crescente busca de sua identidade. Com o “outro lado” Luz consegue se identificar, passa por um processo de recuperação do que lhe havia sido roubado ao nascer: sua identidade. O processo é longo e recebe ajuda das Madres de la Plaza de Mayo, essas novas agentes da história que não atuam na história a partir do papel tradicional de quem tem o poder, mas sim a partir do seu gênero que tradicionalmente se forjou e teve sua atuação principal no ambiente doméstico: o fato de serem as mães dos desaparecidos é que marca sua luta mais ampla por mais justiça social, mas o desejo maior é recuperar seus filhos e netos. Luz igualmente conta a história do ponto de vista marginal: a do bebê roubado. Ela, aquele bebê, que vai contar sua história.

E é outro bebê, Juan seu filho, que ao negar a mamadeira com bico de borracha, faz com que Luz -que sentira a mesma aversão, quando a morte de Liliana a obrigara às mamadas artificiais- decida recompor seu passado, recuperar esta história que poderia ter se perdido nas brumas do tempo.

A história de Luz é contada através do relato de várias vozes em primeira ou terceira pessoa, que se fundem na sua, na voz da filha que coíbe as interrupções do pai, finalmente encontrado em Madrid, durante a longa conversa que conforma o livro: *¡Soy yo la que voy a hablar!* (OSÓRIO, 1999, p.14). E que por meio de seu falar ilumina esta história sombria, pois

como ela diz em resposta à pergunta do pai de como deve chamá-la, Lili ou Luz: *-Luz, siempre me llamé Luz. Y me gusta mi nombre. Es difícil decírtelo a vos, pero no todo fue malo, mi nombre por ejemplo, Luz. Yo me empeciné en poner luz a esta historia de sombras, en saber, buscar y buscar, sin medir el riesgo afectivo que pudiera traerme. (OSÓRIO, 1999, p.18)*

\*\*\*

Passemos, agora, ao país vizinho, o Chile, que sofreu um período ditatorial que se estendeu por dezessete anos. Os romances da escritora chilena Marcela Serrano apresentam a situação histórica do Chile nos anos noventa como reflexo do período negro que se abateu sobre o país entre 1973 e 1990: a ditadura comandada por Augusto Pinochet. Seus livros, *Nosotras que nos queremos tanto*, *Antigua vida mía*, *El albergue de las mujeres tristes*, *Nuestra señora de la soledad*, refletem, assim como *Para que no me olvides*, a situação de desesperança generalizada do país depois do período sinistro nas rédeas do tirano, mas também a solidariedade que se estabelece entre as mulheres que o vivenciaram.

Em *Para que no me olvides*, Blanca começa a contar sua história relembando sua avó, que a ensinou a amar os livros, e a cuidar bem de seus olhos, que permitiam a entrada em seus mistérios, pois com eles nunca se sentiria só. Mas a avó não poderia imaginar que os olhos de Blanca, embora continuassem a ver, não mais poderiam ler. Este fato desesperador ocorre durante um final de semana, em sua casa de campo, onde desfrutava da companhia de Sofia e Victoria. Neste momento Blanca sofre um acidente vascular e fica afásica, por consequência de um pequeno coágulo que se instala em seu cérebro. Este coágulo afeta a área da compreensão e expressão e, com isto, Blanca perde o contato com o mundo exterior, pois não consegue falar, ler nem escrever. Mas, ao contrário do diagnóstico médico, Blanca não perde o poder de

compreensão: ela vê e entende tudo, só não consegue se comunicar. A impossibilidade de se comunicar faz com que a personagem viva de suas lembranças, para preencher o tempo ocioso, os dias longos e tediosos, que passa presa em sua casa.

Blanca pertencia a uma família aristocrática. Formara-se professora na Universidade Católica do Chile, onde costuma estudar a elite local, mas exercer a profissão parecia algo indigno naquela família, pois o casamento era a única possibilidade viável para as mulheres. *El éxito era el mandato principal de la familia*, mas o trabalho era para os homens, pois *en mi familia los hombres eran todos solventes y sus esposas no deberían inquietarse con el tema*. (SERRANO, 1993, p.32)

Quase ao completar 40 anos, Blanca sofre uma reviravolta em sua vida. A “joven de derecha” (SERRANO, 1993, p.24), como ela mesma se define aos 20 anos, descobre um meio social distinto do seu, de gente humilde que sofreu e sofre ainda as consequências da história política do Chile nas últimas décadas.

Sofia, a cunhada psicóloga, e seu irmão favorito Alfonso, são os únicos da família que têm idéias progressistas. Embora Blanca não compartilhe suas idéias, ela se sente muito próxima a eles. Por isso aceita o apelo de Sofia, que “*necesitaba sacar adelante a um niño de diez años que padecía problemas de aprendizaje. La familia del chico no tenía medios para pagar ayuda especializada*”(SERRANO, 1993, p.32), para dar aulas ao filho de sua amiga Victoria. Apesar de todas as diferenças, Victoria e Blanca tornam-se grandes amigas. Começar a dar aulas particulares para o menino Bernardo, que tinha o nome do avô desaparecido há quinze anos, foi uma revelação para Blanca. Bernardo vive com sua mãe no subúrbio da cidade, onde enfrentam difícil situação financeira. Frequentando a casa de Victoria duas vezes por semana, Blanca, além de ensinar Bernardo a estudar, começa a conhecer a dura realidade do povo através das

histórias que escuta na casa pobre, mas acolhedora, da mãe de Victoria, para onde convergem inúmeros amigos. Victoria está desempregada e a falta de recursos faz com que volte a morar com a mãe. Ela sofrera muito no passado, pois há quinze anos, na época da ditadura, não apenas seu pai fora capturado e desaparecera, mas também ela havia sido presa e torturada. Durante todos estes anos sua família procura saber notícias sobre o pai, mas já não tinham esperança de encontrá-lo com vida.

Por meio de Victoria, Blanca conhece Gringo, um amigo que visitava sua casa e que havia estado na prisão junto com ela. Gringo voltara do exílio para depor frente a Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación<sup>4</sup>, esta comissão que representou uma enorme frustração para tantos que esperavam que através dela se faria justiça, que os agentes da repressão receberiam suas penas. Blanca e Gringo se enamoram, mas ele revela que sua relação nunca poderá ser sexualmente completa, pois o horror que havia passado na prisão, a tortura cruel nas mãos dos militares, o deixara impotente, o que representa simbolicamente o sentimento do povo chileno frente aos desmandos da tirania: total impotência. Como explica Sofia: *Es muy difícil, Blanca, hablar sobre la tortura. Yo lo sé bien por mis pacientes, no en vano me he especializado en estos temas. Ni la vergüenza ni la negación son suficientes para explicar lo que encierra este silencio. Aunque una parte de la tortura se transforme posteriormente en palabras, hay otra parte que sencillamente no puede ser expresada. No hay lenguaje. El gringo guarda adentro una cantidad de horror imposible de ser dicho. ¿Lo has pensado alguna vez, mientras lo acaricias? Y*

---

<sup>4</sup> Com o fim da ditadura militar, em 11 de março de 1990, abre-se uma nova perspectiva em relação ao futuro do país. Algumas perguntas, caladas durante tanto tempo, começam a ser esclarecidas. A principal delas é: Onde estão os desaparecidos políticos? Quem são os responsáveis por tantas mortes? A partir delas o presidente Aylwin, escolhido por eleições diretas em 1990, criou a Comissão Nacional de Verdade e de Reconciliação. Embora o objetivo da Comissão fosse investigar as violações aos direitos humanos durante a ditadura, esclarecendo os fatos e identificando as vítimas, não entrava em pauta tornar público o nome dos assassinos.

*ese horror le tiene que haber salido más tarde, por otros lados de sí mismo. El dolor que no pudo ser hablado buscará otro lenguaje que no sea la palabra.*(SERRANO, 1993, p.200)

Mas o pior de ter um desaparecido na família é a absurda sensação de culpa que é expressada por Vitória, o sentimento de ter se rendido, abandonado o Pai desaparecido: *Vuelvo a Victoria. Cuándo te dije, ¿sabes, Blanca, lo que significó para mí la llegada de la democracia? Que la desaparición de mi papá se hiciese realidad. Nunca soñé tanto con él como esos días. Me vino de golpe un convencimiento de que estaba vivo. ¿Cómo podía yo aceptar realmente que estaba muerto si no fui capaz de encontrarlo? Es como si yo misma lo hubiese matado... Y es una muerte múltiple, inacabada, fragmentaria e interminable.*(SERRANO, 1993, p.200-1)

Essa aproximação à família de Bernardo e Vitória leva Blanca a trilhar senderos nunca antes imaginados e suas experiências transformam-se em *mil historias las que trataba de apresar y al sentirme incapaz de hacerlo, las guardaba en el patio de atrás de mi mente, rasguñándolas y atesorándolas a la vez. Muchas veces pensaba que me estaba adentrando en algo tan distinto a mí mundo como viajar a Venus o Marte.* (SERRANO, 1993, p.72)

*Me siento rara, contesté, por dónde voy acarreo el mundo de Victoria a cuestas. Sofia me escrutó, y te pesa, me dijo sin preguntármelo. ¡Cómo no va a pesarme! Pero te alimenta, dijo ella y miré a mi cuñada como si recién cayese en cuenta: siento como si tuviera dos yo, Sofia, dos mundos del todo separados, no se tocan en ningun mínimo ángulo, metida hasta el cuello en cada uno de ellos, como si llevara una doble vida.* (SERRANO, 1993, p.74)

No mundo da classe alta de onde se origina Blanca ninguém sabe a frequência de suas idas à casa da mãe de Victoria, ninguém suspeita sobre o afeto que ela começou a sentir por aquela gente. E, lá, por sua vez, ela também não fala nada sobre o outro lado, sobre sua vida como participante da elite rica e politicamente alienada. São os dois mundos totalmente

separados que caracterizam o Chile atual. Blanca se dá conta disso e se pergunta: *¿Cuánto llevas Blanca siendo cómplice de historias de horror y borrándolas luego de tu memoria para dormir tranquila, para no pelear con Juan Luis, para trabajar intacta en tus beneficiencias, para seguir como siempre sin un conflicto, viviendo en esta familia tuya, aferrada a su espléndida levedad?*”( SERRANO, 1993, p.198)

Blanca trata de conciliar estes dois mundos, que simbolizam a separação ideológica e a polaridade social e econômica que se estabeleceu, e consolidou, nos anos setenta e oitenta. Mas qualquer conciliação representa uma impossibilidade. E o resultado desta tentativa, para ela, é a já mencionada afasia.

Mireya García, vice-presidente da Agrupação de Famílias dos Presos Desaparecidos, afirma “este é um país dividido metade para cá, metade para lá. Não há reconciliação possível”<sup>5</sup>. Ricardo Capponi, autor de *Chile: un luto suspenso*, reafirma que este duelo entre os dois lados permanecerá pendente já que “a reconciliação não é mesmo possível porque nunca houve a conciliação, até que se faça um acordo entre as partes, no qual os indivíduos envolvidos no confronto de 1973 façam o lugar dos mortos, desaparecidos e torturados. E os agressores possam reconhecer e se arrepender do que fizeram, pois, segundo Capponi, não só a vítima precisa aceitar a perda, como o agressor precisa ter a oportunidade de reparar o mal feito.”<sup>6</sup>

A história de Blanca desenvolve-se como o verso de Emily Dickinson que introduz a terceira e última parte do romance:

*como se dijo del Pájaro convaleciente:*

*Y elevó luego su Garganta*

---

<sup>5</sup> SINGER, André. “Memória e superação”. Caderno Mais, Folha de São Paulo: 1º de abril de 2001.

<sup>6</sup> CAPPONI, Ricardo. *Chile – un luto suspenso*. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1999.

*Y esparció tal Nota-*

*Que el Universo que la oyó*

*Aún está por ella herido-*

*(SERRANO, 1993, p.227)*

Como o pássaro ferido, Blanca espalha sua nota, sua história, que de tão comovente fez com que o universo que a escutou ficasse por ela ferido. Sua história é pungente, cheia de dor, pois a impossibilidade de se comunicar, a perda da faculdade de transmissão ou compreensão de idéias, em qualquer de suas formas, representa uma prisão da qual parece que só a morte a libertará. Mas, magicamente, a autora a dirige pelo caminho da memória, e através de uma viagem pelo inconsciente de Blanca, permitirá que conheçamos tudo o que ocorreu com ela. Isto significa que embora à Blanca – que assim como Luz, faz juz ao nome que leva, pois escolhe o nada, o branco da morte e o vazio da desesperança – só resta o silêncio, Marcela Serrano, contudo, não a deixa calar, e sua história se espalha pelo universo “para que no me olvides”, para que nunca a esqueçamos.

A diferença entre os dois romances ocorre então, ao nível das realizações. Enquanto *Para que no me olvides* apresenta uma impossibilidade, um impasse que faz com que Blanca fique literalmente sem voz, sem comunicar-se, já que o que ela trata de conciliar é inconciliável, e por isso perde sua identidade e não consegue inserir-se em outra, já com Luz ocorre o contrário. A personagem é bem sucedida na busca de sua própria identidade porque, felizmente, algo faz com que não consiga deixar de sentir-se fora de seu contexto. Sente que não pertence à família na qual foi criada, que é alheia aquele universo, sua mãe parece pertencer a outros mundos. E Luz não esmorece até conseguir as provas de que está deslocada. Na verdade ela pertence aos dois mundos, mas identifica-se claramente com aquele ao qual ela pensava não pertencer. Mesmo



antes de saber, de descobrir toda sua verdade pessoal, Luz inteira-se sobre a história do país, que também lhe haviam ocultado, e assume uma posição ideológica que se resume em posicionar-se contra toda a mentira que lhe jogaram nos ombros. Como diz Elsa Osório sobre *A veinte años, Luz*: *Quizás la novela es esse intento de romper el círculo de la mentira, porque creo que no se puede tapar. Por lo más que la sociedad lo intente, como la argentina, cada vez son más los sectores que no quieren vivir sobre la mentira de esa época. Yo no soy de la idea de poner el dolor en primer plano, pero digo que hay que saber. Sucedió tal y tal cosa, y de ahí poder vivir.*<sup>7</sup>

Porque, como afirmam, igualmente, os historiadores chilenos no Manifesto de Historiadores<sup>8</sup>, que se opunha à “Carta a los chilenos” de Pinochet: *La historia no es sólo pasado, sino también, y principalmente, presente y futuro. La historia es proyección. Es la construcción social de la realidad futura. El más importante de los derechos humanos consiste en respetar la capacidad de los ciudadanos para producir por sí mismos la realidad futura que necesitan. No reconocer ese derecho, usurpar o adulterar ese derecho, es imponer, por sobre todo, no la verdad, sino la mentira histórica. Es vaciar la verdadera reserva moral de la humanidad.*

## **Bibliografia**

ALIVERTI, Eduardo; MILSTEIN, Pablo e RUBEL, Javier. *Malajunta*. (Vídeo) Buenos Aires, 1998.

DURAN, M.G. et alii. *Manifesto de Historiadores*. (Enviado por e-mail) Santiago de Chile: 25 de janeiro de 1999.

CAPPONI, Ricardo. *Chile – un luto suspenso*. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1999.

---

<sup>7</sup> (Entrevista com Elsa Osório- Radio Nederland Werldomroep, 23.03.2001. ([http://www.mw.nl/informanr.elsa\\_osorio](http://www.mw.nl/informanr.elsa_osorio)))

<sup>8</sup> DURÁN, M.G., et alii. Manifesto de Historiadores. Santiago de Chile, 25 de janeiro de 1999.

MOULIAN, Tomás. *Chile Actual: Anatomia de um mito*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 1997.

OSORIO, Elsa. *A veinte años, Luz*. Buenos Aires: Grijalbo/Mondadori, 1999.

RADIO NEDERLAND. “Entrevista com Elsa Osorio”, 23 de março de 2001. (In: [http://www.mw.nl/informanr.elsa\\_osorio](http://www.mw.nl/informanr.elsa_osorio))

SERRANO, Marcela. *Para que no me olvides*. Santiago de Chile: Editorial Los Andes, 1996 (13<sup>a</sup> edição).

SINGER, André. “Memória e Superação”. In: *Caderno Mais!. Folha de São Paulo*. 1º de abril de 2001.